

# Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI

*From remediation to premediation: or how the affective immediacy of late 90's digital society evolves to an continuous affectivity anticipation of future in the 21th century*

■ Entrevista com RICHARD GRUSIN\*  
por Elizabeth Saad Corrêa\*\*

RICHARD GRUSIN é um dos mais conhecidos e pioneiros pesquisadores na área de estudos de mídia. Seu trabalho está vinculado aos aspectos históricos, teóricos e estéticos das tecnologias midiáticas. Junto com Jay David Bolter foi o autor de *Remediation: Understanding New Media* (MIT, 1999) que delinea a genealogia das novas mídias a partir da contraditória lógica visual que sustenta as mídias digitais contemporâneas; *Remediation* possui uma importante conexão com o quarto livro de Grusin, *Premediation: Affect and Mediality After 9/11* (Palgrave, 2010), no qual argumenta que numa era de elevada securitização, a sociedade em rede nos Estados Unidos e a mídia global buscam *pré-medi*ar as percepções coletivas de antecipação e conectividade de forma a perpetuar baixos níveis de apreensão e medo. A riqueza de suas análises está na conexão entre a nossa vida cotidiana e a real com as ambiências digitais que permeiam nossa sociedade. Richard Grusin visitou recentemente diversas Universidades e grupos de pesquisa brasileiros para uma série de conferências e aulas focadas no lado escuro da sociedade digital e nos conceitos de premediação.

**MATRIZES:** Existem alguns conceitos básicos, essenciais para entender remediação e premediação: medialidade, mediatização e hipermedialidade; você poderia explicar a relação entre eles e o respectivo papel nos processo de re/pre-mediação (considerando os problemas de tradução para o Português)?

**Grusin:** Inicialmente, é fundamental diferenciar remediação de premediação. Embora ambas as lógicas de mediação estejam em ação no século

\* Diretor do Center for 21st Century Studies e Professor na University of Wisconsin-Milwaukee. Recebeu seu PhD em 1983 pela Universidade de Califórnia, em Berkely. E-mail: grusin@uwm.edu

\*\* Professora Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Coordenadora do curso de especialização lato sensu DIGICORP e do grupo de pesquisa COM+. E-mail: bethsaad@gmail.com

# E

Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI

XXI, elas operam de forma diferente e com diferentes conceitos. A lógica dupla da remediação surgiu ao final do século XX como resposta à exuberante proliferação das tecnologias de mídias digitais, frequentemente cunhadas como *mediatização*. Remediar, remodelar ou re-mediado de um meio para outro operava de duas formas contraditórias, buscando de um lado apagar todos os sinais de mediação ao oferecer um contato imediato com o real, e, de outro, multiplicar ou chamar atenção para a remediação ou àquilo que Jay David Bolter e eu nos referimos como hipermediação.

Premediação é uma das formas predominantes com que a remediação se manifesta no século XXI. A premediação não desaloja a remediação, mas a reorganiza em diferentes formações estéticas, sociotécnicas ou políticas. A lógica dupla da remediação ainda se mantém, mas o conflito dessa lógica é formalmente diferente. Diferente da remediação, que busca uma espécie de imediatismo perceptivo ou afetivo, a premediação trabalha para produzir uma afetividade da antecipação remediando eventos futuros ou ocorrências que podem ou não acontecer. O regime midiático da premediação não evidencia o desejo dos anos 1990 de uma realidade virtual, mas sim um engajamento com a realidade *do* virtual, ou aquilo que Delleuze entende como *potencialidade*. Premediação descreve o temporal e a formação afetiva atual da sociedade conectada. Se a remediação fala para um modelo de conexão mais individualizado de imediatismo e hipermediação que prevaleceu na cibercultura dos anos 1980 e 1990, a premediação fala para a temporalidade antecipatória do século XXI, aquela em que estamos sempre prontos para nos movimentarmos pelas redes sociais que estão premediadas no futuro, ou como usamos nossas redes para mobilizarmos a nós e aos outros (amigos ou redes) e nos sentirmos juntos e participarmos em eventos de mídia temporal e especialmente heterogêneos – seja *online* via *Facebook* ou *Twitter*, ou no espaço geográfico por meio de conexões móveis com GPS ou outras tecnologias espaciais.

Finalmente, você se refere aos problemas de tradução Inglês/Português dos termos da remediação. Especificamente, a questão é se devemos traduzir remediação com “i” ou com “e”. Em Inglês, o substantivo “media” e o verbo “mediate” possuem a mesma grafia; assim, um pode corrigir uma pintura e outro um problema. Em Inglês, “remediation” pode significar tanto remodelagem quanto reforma. Em Português estes dois significados possuem duas diferentes grafias e duas diferentes palavras. Assim, o trocadilho do Inglês não funciona em Português. Talvez “remediation” deva ser traduzido tanto com “i” ou com “e”<sup>1</sup>.

1. NT: optamos neste texto por utilizar o termo com “e”- remediação, assim como todos os dele decorrentes: premediação, mediatização, hipermediatização.

**MATRIZes:** Poderíamos entender remediação e premediação como processos combinados e intercambiáveis típicos de nossa contemporaneidade?

**Grusin:** Sim, conforme citei anteriormente, tanto remediação quanto premediação estão em ação no ambiente contemporâneo da mídia. Embora as diferenças históricas sempre resultem em diferentes momentos no tempo, em nenhum ponto da história a lógica midiática predominante foi totalizante. Sempre assistimos à competição de lógicas e práticas midiáticas. No século XXI ainda, nos interessamos pelo imediatismo, pelo agora, da mesma forma que nas últimas décadas do século XX as novas tecnologias de mídia digitais chamaram atenção ao imaginário do futuro, às temporalidades focadas para o futuro. Mas, em cada caso a mídia das formações afetivas predominantes estão conectadas com a mídia das formações técnicas predominantes. Assim, a digitalização obsessiva ocorrida com a maioria das mídias ao final do século XX favoreceu uma orientação focada numa renovação do passado, resultando quase que num grito universal de *inovação* das mídias digitais. No século XXI a temporalidade da premediação está também conectada às formas predominantes da mediação técnica que, ao início da segunda década do século XXI, são representadas pelas mídias móveis, as mídias sociais e o *big data* e respectivas minerações e capitalizações.

**MATRIZes:** A afetividade é central para a premediação. Assim, poderíamos caracterizar a remediação como um processo relativo aos objetos de mídia e suas tecnologias e fazeres, e a premediação como um processo relacionado às pessoas utilizando a mídia, suas informações e conteúdos para estabelecer relações sociais?

**Grusin:** Bem, à primeira vista isto faz algum sentido. A lógica dupla da remediação é, em primeira instância, uma lógica formal, focada tanto num imediatismo transparente – no qual a tela ou a imagem plana é concebida como uma janela através da qual pode se ver um mundo não mediado – quanto focada na hipermediação, na qual a tela ou a imagem plana chama atenção para sua própria mediação, quase sempre pela fragmentação de si mesma num navegador *web*, num computador ou numa tela de TV a cabo como a CNN. Entretanto, a remediação também tem uma dimensão afetiva, especialmente na concepção de imediatismo, na qual além da lógica visual da transparência também recorre à expressão, à resposta afetiva gerada pela transparência do imediatismo e da hipermediação, as quais produzem algo como um sentimento ou afetividade do real.

A premediação, como você destacou, é mais explicitamente vinculada à afetividade, sendo um dos conceitos-chave que desenvolvi no livro *Premeditation*.

# E

Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI

E, embora seja verdade que a premediação se refere à forma com que as pessoas usam a mídia para estabelecer relações sociais, este não seria o modo como eu formularia o processo. Conforme Bruno Latour, vejo as relações tão técnicas quanto sociais, tão não-humanas quanto humanas. O que é muito interessante sobre nossas relações com as mídias técnicas hoje é que elas estão cada vez mais crescentes e intensamente afetivas. Estamos totalmente envolvidos com aquilo que chamo “a vida afetiva da mídia”, na qual não usamos a mídia simplesmente como ferramenta ou instrumento para nos relacionarmos com outros na sociedade, mas muito mais como nos engajamos afetivamente com a própria mídia técnica, que eu chamo “círculo afetivo de retroalimentação” entre nossas mídias e nós mesmos. Embora esse conceito tenha sido abordado de forma rudimentar em *Remediation*, em *Premediation* nos aprofundamos no desenvolvimento de nosso relacionamento afetivo com as mídias técnicas.

**MATRIZES:** A maioria de seus argumentos sobre a premediação baseiam-se em eventos catastróficos globais. Ideia de coletivismo e senso comum são evidentes neste tipo de evento. Como poderíamos explicar a premediação no cotidiano da cibersociedade? A posse do Presidente Obama ou a final do *American Idol* comentados no *Facebook* e *Twitter*, ou aqui no Brasil os comentários em segunda tela das telenovelas são exemplos adequados?

**Grusin:** Você está certa ao afirmar que a premediação é muito evidente ao ser relacionada a eventos globais catastróficos como o 11 de Setembro ou a guerra do Iraque, ou o desastre da usina de Fukushima, no Japão. Mas, todos esses eventos têm efeitos no cotidiano e, sem dúvida, em algum sentido a premediação opera de modo poderoso em nossas transações diárias com a mídia digital do que com esses eventos globais. Defino em meu livro três sentidos para a premediação: como a remediação das formas futuras de mídias e tecnologias; como a remediação de eventos futuros; e (mais fortemente) como uma extensão para o futuro das redes sociotécnicas de mídia. É neste último sentido que opera a mídia cotidiana do século XXI, especialmente na estruturação da afetividade e na antecipação da temporalidade.

A proliferação de redes sociais premediadas de pessoas e coisas é uma força poderosa na vida cotidiana dos usuários das mídias digitais do século XXI. As redes de mídias sociais existem quase que exclusivamente para o propósito de premediação da conectividade, promovendo uma antecipação que a conexão poderia fazer – que alguém poderia comentar em seu *Facebook* o *status* ou uma foto que você compartilhou; que o seu *tweet* poderia ser favoritado ou retuitado; que você poderia escutar um *ringtone* diferenciado, ou que seu computador, *tablet* ou celular iria alertá-lo sobre uma nova mensagem. Essas premediações

cotidianas não operam em interações discretas pessoa-a-pessoa e em uma rede de mídia específica, mas geram um campo fluído e em mudança permanente de interações afetivas temporais entre redes premediadas de humanos e não humanos, de mediadores técnicos incorporados. Essa antecipação temporal e afetiva produz um presente que é sempre dividido, seja orientado para o momento imediato e também para o futuro próximo, seja nem para o presente em si e nem para aquilo que ainda não passou. Essa temporalidade antecipatória cria, algumas vezes, um elevado senso de alerta, enquanto que em outras (talvez em muitas) gera um sentimento mudo e tímido de espera ou de passagem do tempo. A antecipação é o que melhor caracteriza o estado de premediação bem como a qualidade afetiva gerada pelas redes sociais móveis ou pela internet das coisas, nas quais as pessoas e seus dispositivos móveis navegam através das redes sociais constituídas não apenas por humanos e suas mídias sociotécnicas, mas também constituídas por tecnologias como GPS e RFID (Identificação por radiofrequência) e também por locais e objetos.

**MATRIZes:** Você poderia nos contar um pouco mais sobre a relação entre premediação e mobilidade?

**Grusin:** Neste século XXI, a afetividade e a temporalidade das mídias socialmente conectadas estão cada vez mais focadas na antecipação e na futurologia, ou seja, no porvir e naquilo que iremos encontrar. A temporalidade afetiva da premediação é antecipatória e na qual as mídias móveis socialmente conectadas atuam em conjunto para produzir, satisfazer e manter estados afetivos individuais e coletivos voltados para um futuro potencial, virtual e até mesmo um futuro real/atual. Ao nível dos usuários individuais, essa temporalidade antecipatória os mantém vinculados e conectados às suas mídias móveis e, certamente, valoriza a mobilidade espacial e temporal. A integração do GPS aos formatos de mídia nas plataformas sociais – *check-in* por exemplo, no *Facebook*, ou uso do *Google Maps* no iPhone, geolocalização de fotos, ou amplo uso do *FourSquare* – funcionam em conjunto tanto para nos estimular a informar nossa localização quanto para facilitar e socializar nossos deslocamentos. Entretanto, a mobilidade dos usuários individuais também beneficia os negócios e os governos. As empresas podem usar a geolocalização para comercializar produtos e serviços de forma direcionada e geoespacialmente pertinente. Os governos podem armazenar e minerar dados de todas as transações realizadas via dispositivos móveis para criar um amplo registro de comportamentos individuais que pode ser acessado e acionado em caso de proteção de interesses de Estado. Para além da remediação ocorrida ao final do século XX, a mobilidade é chave para o funcionamento da premediação no século XXI.

**MATRIZES:** Em *Premediation* você afirma que “experiências de imaginação pré-figurativas” são um bom exemplo de como nós nos protegemos de eventos catastróficos futuros. Você não acha que esta prática pode nos levar a uma vida fantasiosa ou sonhadora?

**Grusin:** A preocupação de que as novas mídias podem levar os indivíduos a fugir das vicissitudes da realidade para uma vida de sonho e fantasia é algo que reaparece com regularidade. Quando os primeiros romances impressos começaram a ficar disponíveis e acessíveis no século XIX, muitos adultos se preocuparam com os jovens que ficariam por demais envolvidos com o mundo da ficção, imersos nas páginas de seus livros favoritos, desligados das praticidades da vida cotidiana. Filmes trouxeram os mesmos receios, da mesma forma que a televisão e agora a internet e as mídias sociais de um modo geral. Esse medo recorrente é uma reação que toda nova reconfiguração midiática ou remediação gera em nossa relação com a realidade; para aqueles não familiarizados com estas novas mídias o engajamento afetivo por parte (especialmente) dos jovens com os novos formatos e dispositivos técnicos aparenta ser uma fuga da realidade para o mundo da fantasia e do sonho. No entanto, argumento que isso significa um outro tipo de engajamento com o mundo, aquele (citando McLuhan) que altera a razão e não apenas nossos sentidos, que altera nossas interações inerentes com outros humanos e também com não humanos, com a natureza e com os ambientes construídos. De fato, por conta da crescente mobilidade de nossos dispositivos de mídia e da complexa rede decorrente no espaço geofísico e dos objetos, nossos dispositivos de novas mídias (e a premediação que eles geram) são menos relacionados a sonhos e fantasias do que velhas mídias como romances, filmes ou a televisão.

**MATRIZES:** O Jornalismo é uma das áreas da Comunicação mais diretamente afetadas pelas mudanças da sociedade digital. Nesse contexto, existe espaço para produção de mídia de massa? Considerando que o jornalismo lida com fatos e estamos propondo premediar fatos para aceitá-los de modo mais fácil, o que resta para o jornalismo? Casos recentes como os vazamentos da NSA ou do *Wikileaks* podem ser considerados como ações de premediação?

**Grusin:** O Jornalismo, e especialmente as notícias, é uma das principais instituições impactadas pelas mudanças da mídia as quais ficam visíveis no deslocamento da lógica e das temporalidades ocorridas ao longo dos últimos séculos. Embora seja óbvio que hoje a mídia jornalística foque mais naquilo que poderia ocorrer do que nos fatos do presente ou do passado, a notícia sempre misturou eventos passados e futuros, bem como próximos e distantes. Em suas manifestações mais remotas, as notícias eram transmitidas oralmente por pessoas

como os pretorianos da Roma Antiga ou os arautos da Inglaterra Medieval. Naqueles tempos, notícia poderia ser tanto fatos significativos que já ocorreram quanto aqueles que iriam acontecer, mas o foco dominante estava nas ocorrências locais. Com o advento da notícia impressa, o foco em reportar o passado permaneceu, mesmo quando os jornais passaram a operar em sintonia com as agências governamentais, anunciando prazos e eventos oficiais futuros. A introdução da fotografia nos jornais, ainda que pontuando fatos, ampliou o foco no passado na medida em que fotógrafos (a exemplo do cinema mais tarde) podem apenas registrar eventos já ocorridos. A ruptura temporal mais importante ocorreu com o advento dos telejornais, inicialmente com a retomada da tradição oral da transmissão ao vivo e, mais tarde, com o surgimento das redes globais de cobertura ao vivo pela *CNN* e outras, gerando o salto para uma temporalidade imediata e instantânea, a notícia em tempo real, o auge da cobertura jornalística. Ao final do século XX, culminando com a transmissão mundial e ao vivo dos trágicos eventos de 11 de Setembro, o marco exemplar da cobertura noticiosa foi a transparência decorrente do imediato e ao vivo, embora sempre associado à hipermedialidade que se constituiu na outra metade da lógica dupla da remediação.

Argumento em *Premediation* que, depois do 11 de Setembro, a lógica predominante e a temporalidade da mídia noticiosa deslocou-se da remediação do presente para a premediação do futuro. Inicialmente, movida pelo desejo de evitar o traumático imediatismo jornalístico experimentado em 11 de Setembro, a mídia informativa passou a direcionar seu foco da remediação daquilo que já ocorrera ou estava ocorrendo ao vivo, para premediar aquilo que poderia acontecer quase acontecendo. O Jornalismo começa a tomar para si como tarefa principal a premediação de potenciais catástrofes futuras – não apenas o próximo ataque terrorista, mas ameaças futuras como mudanças climáticas, pandemias globais, crises financeiras ou colapsos na infraestrutura. Ao mesmo tempo, porém, as mídias sociais como as conhecemos, com sua temporalidade antecipatória, adicionou outra dimensão ao Jornalismo, conforme demonstrado de forma dramática com o papel das mídias sociais na Primavera Árabe de 2011. Não foram apenas os meios impressos, televisivos e as grandes redes que se viram cobrindo as mídias sociais como fonte, mas eles começaram a integrar as mídias sociais em suas próprias premediações do futuro, intensificando frequentemente o deslocamento temporal do reportar o passado para reportar o presente e para reportar o futuro. Ao traçarmos este movimento da temporalidade jornalística, gostaria de deixar claro que não é um processo de substituição de um temporalidade midiática por outra, mas sim novos modos de temporalidade midiática sendo adicionados àqueles existentes, modificando o padrão da cobertura noticiosa, sem deixar de lado reportar o acontecido e o acontecimento.

**MATRIZes:** Sua proposta metodológica apresentada na introdução do livro *Premediation* enfatiza a necessária relação interconectada de diferentes áreas de estudo e conhecimento para a pesquisa no campo dos *Internet Studies*. Como você avalia os tradicionais rituais acadêmicos em relação a esse tema?

**Grusin:** As disciplinas e a pesquisa acadêmicas estão em meio a transformações significativas, algumas iniciadas internamente e outras decorrentes de desafios externos propostos pela crescente neoliberalização da educação.

Internamente, pelo menos desde o último terço do século XX, a academia convenceu-se de que os problemas práticos e intelectuais pós-modernos, do capitalismo pós-industrial não podem ser tratados apenas dentro de um cenário disciplinar tradicional que remonta ao século XIX ou antes. Nos programas de ciências humanas e sociais, pesquisas de campo, estudos sobre a mulher, sobre etnias, mídia, meio ambiente e similares surgiram como uma forma de agregar diferentes tradições de pesquisa em busca da resolução de novos problemas. Talvez, a área mais transformadora deste novo campo interdisciplinar seja os estudos de ciência e tecnologia (ECT), particularmente a teoria ator-rede de Bruno Latour, que insiste em rejeitar uma distinção categórica entre atores humanos e não humanos e em acompanhar os actantes por seus percursos pelas redes sociotécnicas heterogêneas que começaram a proliferar ao final do século XX. Quando aplicada aos estudos sobre tecnologias de mídias digitais, esta metodologia requer que os pesquisadores ignorem ou até mesmo transgridam os limites da disciplinaridade tradicional em busca do conhecimento.

Externamente, essa mesma transformação sociotécnica nos conduziu àquilo denominado como universidade neoliberal, na qual as formações tradicionais por disciplinas são claramente dispensadas ou ignoradas em busca de objetivos econômicos. Essa nova interdisciplinaridade tecnocrática organiza uma retórica de inovação, uma reforma radical e de vanguarda que dispensa qualquer instituição ou prática acadêmica tradicional que não sejam economicamente eficientes, que não resultem numa imediata e definitiva lucratividade. Paradoxalmente, a mesma retórica utilizada ao final do século XX argumentando que as novas mídias digitais possibilitariam a liberdade, a liberação e a radicalização de novas formas de pensamento, foi utilizada no século XXI para que o ensino profissionalizante tivesse o menor custo social possível. Não vejo isso acontecendo no Brasil de forma tão intensa como a que ocorre nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha, onde os empreendedores do Vale do Silício estão promovendo a revolução dos MOOCs (*Massive Open Online Courses*), embora não demore muito para que algo similar também ocorra no Brasil.

A solução para este problema não é retornar aos tempos anteriores à interdisciplinaridade ou anteriores à introdução das tecnologias digitais no

ensino e na pesquisa das Universidades. A solução é buscar formas de usar as novas tecnologias à serviço de alguns valores cruciais da pesquisa acadêmica, especialmente a liberdade de investigação mesmo que esta não gere resultados financeiros imediatos (ou mesmo a longo prazo).

**MATRIZES:** Sua produção denota um diálogo muito interessante com autores europeus como Delleuze, Latour, Baudrillard, Virillio, Benjamin, entre outros. Algo especial nisso?

**Grusin:** Você está certa ao notar uma mudança no meu engajamento pós-*Remediation* com autores europeus (e não europeus) filósofos e teóricos críticos. Isso se deve a dois motivos. Primeiro, ao fato que *Remediation* foi escrito em coautoria e cada um de nós trouxe suas próprias forças (e fraquezas) ao projeto. Bolter trouxe para *Remediation* uma sofisticada compreensão das tecnologias de novas mídias e da cultura *online*, bem como uma revisão nos campos da computação e das humanidades, evidenciados em seus dois livros anteriores *Turing's Man* e *Writing Space*. Ele também contribuiu com a clareza de pensamento e narrativa, algo evidente ao longo de nosso trabalho conjunto. Minha contribuição esteve no aprofundamento sobre a teoria crítica e a filosofia, bem como uma base conceitual em artes visuais dos séculos XVIII/XX. Fomos felizes em *Remediation* ao provar que o todo foi maior que a soma de suas partes. Isso foi possível porque cada um de nós sacrificou algo de seu próprio interesse e preocupação a serviço do projeto como um todo.

Esse não foi o caso de nosso trabalho após *Remediation*. Assim, o meu trabalho com novas mídias tornou-se cada vez mais teórico e filosófico, enquanto que o trabalho de Bolter focou-se mais no *design* e na prática. Minhas leituras também se tornaram mais teóricas e filosóficas. Bolter tem trabalhado em computação e humanidades desde sua ida para *Georgia Tech* em 1990; eu comecei a pesquisar novas mídias após cinco anos de minha entrada na *Georgia Tech*. Ao transferir-me para *Wayne State University* em 2001, meu envolvimento com *design* e práticas de mídias digitais tornou-se uma parte menor de minha pesquisa acadêmica e meu envolvimento com teoria e filosofia ficou mais central na pesquisa.

Atualmente, estou trabalhando sobre o conceito de mediação de *per se*, buscando discutir as formas como a mediação tem sido definida e convencionalmente posicionada como um conceito ou categoria secundário (ou terciário), como algo que entra em cena muito atrasado, após uma divisão do mundo entre sujeitos e objetos, humanos e não humanos, representações e realidades. Em tais dualidades mais ou menos tradicionais, a mediação tem sido vista como algo “entre”, no meio de, já pré-formatada, pré-existente em sujeitos ou

# E

Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI

objetos, actantes ou entidades. Especialmente no pensamento pós-Hegelian, Marxiano, a mediação é vista como epistemológica ou ideológica, como algo oposto ao imediatismo, como algo que poderia ser chamado de agente de correlação que filtra, limita, restringe ou distorce uma percepção imediata ou um conhecimento de ou ainda um engajamento com o mundo, com o real, com outras pessoas, com o poder e assim por diante. Avançando, vou continuar o envolvimento com a tradição teórica e filosófica Ocidental de forma a questionar o imediatismo da mediação, possibilitando a “direta e a *imediate*” relação com o mundo, sobre a qual Brian Massumi insiste em afirmar como um componente fundamental das experiências humanas e não humanas. **M**

